

DA REALIDADE À FICÇÃO

Notas de uma literatura social
em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado

Douglas de Sousa

As crianças chatas

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho que está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? - pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (19 de agosto de 1967, Clarice Lispector).

Se pensarmos historicamente no papel e na função que cabe a literatura, encontraríamos as mais diversas respostas e ao mesmo tempo indagações. O que cabe a literatura, qual o seu papel diante da sociedade, do que e para quem ela fala, seria ela, a literatura, apenas objeto artístico ou a expressão artística da palavra objetivando fins de entretenimento ou de distração do real? Ou mais ainda, seria ela uma fuga da realidade, nos retirando do campo concreto e nos levando a mundos fantasiosos e felizes, de ficcionalização da vida? Creio que tudo isso, e bem mais.

Antonio Candido, em *O direito à literatura*, defende a ideia de que os seres humanos têm direito à arte e aos deslumbramentos, socialização e fantasias que esta permite. Cito o autor: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p. 191).

Desse modo, cabe à espécie humana, enquanto sujeitos sociais, pensantes e dotados de qualidades e propensões artísticas, esse direito inalienável à arte e à fruição

que esta permite. Somente a isto, pergunto eu? O que estaria para além dessa fruição e contato com o estético que as obras de arte, no caso aqui discutido, a literatura, permitem aos seres humanos?

Para o húngaro teórico marxista György Lukács (1968), a grande especificidade da arte reside em “a essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela própria consciência” (LUKÁCS, 1968, p. 15).

Foquemos na palavra **consciência** (aqui dou ênfase em negrito), referida pelo teórico. A partir dela, na visão que aqui escolho para estreitar e conduzir meu pensamento entendo que para além dessa fruição estética, está aliado à essência das obras literárias, à consciência de si e do mundo que elas trazem para os sujeitos.

Judith Grossmann (1982) ao abordar a ficcionalidade das obras literárias – o caráter ficcional - diz que:

A ficcionalização pode começar por desordenar o real, no sentido de também desordenar a vinculação que com ele se mantenha, para assim chegar a eliminar a diferença entre subjetividade e objetividade, invertendo, no final, o ponto de partida e reordenando habilmente o real. As ideias de violência em literatura apresentam-se ligadas às ideias de ordem. Ambas visam a desmineralizar o sujeito e a vencer a sua refratariedade tanto pelo efeito de um abalo, quanto pelo de uma descoberta (GROSSMANN, 1982, p. 55).

Violência, desordenamento, abalos e descobertas são pontos possíveis que a literatura causa, provoca nos humanos e, ainda, contribui para que os sujeitos se *desmineralizem* de seus estados “normais”. Falamos, pois, de uma desestabilização em grau maior ou menor, de uma violência capaz de realizar-se diante da vida comum, que nem sempre se encontra tão ordenada como se imagina. Sendo assim, o objeto estético é por natureza provocador e causador de revoluções.

Partindo da pequena crônica da Clarice Lispector que utilizei como epígrafe deste ensaio, ela encerra com a seguinte assertiva: “E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta”. É por este sentimento de revolta que os artistas da palavra, escritores, sobretudo os socialmente comprometidos, vão rebelar-se contra o sistema e dar voz a personagens e figuras à margem, oferecendo-lhes um espaço literário diante dessa ficção desordenadora do real, a fim de provocar nos leitores esse choque de um cotidiano nem sempre igual, justo e de oportunidades comuns. Ao nos revelar, como faz Lispector, a vida de “crianças chatas”, como assim chama a autora, que gritam de fome e dor, frio e medo, e que na noite negra enfrentam monstros bem maiores do que a fome.

Em 1937, ano de publicação dos *Capitães da Areia*, Jorge Amado dá voz a crianças/adolescentes do subúrbio baiano que vivem à margem de toda participação social, sem quaisquer garantias de direitos. Narrado em terceira pessoa, com o narrador

onisciente, nesta obra temos um retrato social e político da condição deprimente e precária que meninos abandonados, à revelia do sistema, lutam cotidianamente pela sobrevivência de si próprios e do grupo a que pertencem, os *Capitães da Areia*.

Narrativa de teor realista, nesse romance os quadros da miséria urbana da cidade de Salvador é construído de modo a transportar os seus leitores para um mundo ficcional, porém real no cotidiano urbano não só de Salvador, como de todo o país.

Pirulito, Querido-de-Deus, João Grande, Sem-Pernas, Boa Vida, Professor, Volta-Seca, Gato, Pedro Bala e, mais tarde, a menina Dora são alguns dos personagens que compõem essa narrativa social e violenta da ordem literária do universo amadiano. Já no início da narrativa o narrador nos transporta para o trapiche onde habitam os capitães da areia:

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.
[...] Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (AMADO, 2001, p. 21).

A bondade do narrador, logo no início da narrativa, em comparar os capitães da areia a poetas urbanos, como grandes conhecedores da cidade denuncia uma voz narrativa que os glorifica e dar ares de heróis a esses meninos largados à própria sorte, tendo de enfrentar diversos problemas e, acima de tudo, manterem-se vivos. Daí percebemos a estratégia e necessidade de viverem em grupo tanto para roubar e, ao mesmo tempo, se protegerem, já que não contavam com o Estado, família ou qualquer instituição social organizada que lhes dessem amparo. Cada um deles trazia consigo uma história individual, mas com pontos em comum: marcada pela pobreza, o abandono familiar, a fome, a exclusão social, e os retratos da infância marginal.

Esses meninos, anti-heróis, desenvolveram tramas e estratégias para suportarem a vida difícil das ruas e da marginalidade. Para isso contaram com figura de Pedro Bala enquanto líder e voz maior do grupo.

Porém, a trama não reside apenas nas peripécias e desvios dos capitães, flagramos em algumas passagens do romance momentos de reflexão e introspecção das personagens. Como podemos ler, por exemplo, em um momento de conversa com Deus, Pirulito o mais religioso e crente do grupo, ilustra bem a situação e quadro social em que viviam, perdido em seus pensamentos com Deus, o narrador nos fornece o que se passava no íntimo de Pirulito:

E pensando em Deus pensou também nos Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram, bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem

pai, nem mãe, a vida deles era uma vida ser ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos (AMADO, 2001, p. 100-101).

Devido o contexto adverso das ruas e da condição social que os envolvia, Pirulito, em sua reflexão com Deus, nos faz compreender os atos ilícitos cometidos pelos *Capitães*. Vulneráveis, contando com a força do poder grupal, dando golpes, cometendo furtos e por vezes contando com a ajuda do padre José Pedro, esses meninos tinham a cada dia que se reinventar para sobreviver diante de tanta pobreza, e ainda contarem com a sorte de não adquirirem a bexiga, a varíola que assolava a população da época, sobretudo os mais pobres.

Para além das carências materiais que as acometiam, essas crianças cresceram sem nenhum tipo de afeto e cada uma carregava consigo uma necessidade afetiva – num sentido *lato sensu*, eu diria existencial - que ultrapassava a vontade de comer e de ter um teto seguro, nisso procuravam diferentes refúgios na tentativa de suprir suas demandas. Em uma das passagens do romance pegamos o Sem-Pernas, talvez o mais carente de todo o grupo, a sentir-se angustiado devido à falta de carinho:

[...] O Sem-Pernas recuou e a sua angústia cresceu. Todos procuravam um carinho, qualquer coisa fora daquela vida: O professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher da vida que lhe dava dinheiro, Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do cais. O Sem-Pernas sentia que uma angústia o tomava e que era impossível dormir [...] (AMADO, 2001, p. 39).

Seja nos livros, no sexo, na oração, cada capitão tinha uma forma de se desviar da realidade cruel e tornar a vida mais palatável naquele insalubre, abandonado e perigoso trapiche. “O trapiche abandonado, quase derruído, servirá de contraste a construções suntuosas dentro do espaço da cidade propriamente dito. O efeito de contraste acentua nitidamente as diferenças sociais, a marginalização dos desprotegidos” (GOMES, 1996, p. 45).

Agora voltemos às perguntas iniciais, direcionadas à obra de Jorge Amado: *Que violência, portanto, Jorge Amado, enquanto escritor engajado provoca no seu leitor com as histórias dos Capitães? O que esta narrativa ficcional, literária desperta em nós enquanto sujeitos sociais?*

É evidente que o processo de recepção textual seja no plano escriptocêntrico - no livro ou audiovisual - no filme¹, é recebido e processado de forma particular por cada um. Mas ao adentrarmos as páginas de *Capitães da Areia*, percebemos uma narrativa socioliterária, de cunho realista e que se propõe a uma representação da realidade por meio do universo ficcional, de um desvelamento consciente que o narrador nos

1 *Capitães da Areia* contou com uma recriação cinematográfica recente em 2011, recriado pela diretora Cecília Amado.

provoca, propõe. E aqui, mais uma vez retornamos ao ponto da realidade enquanto matéria transformada pela ficção, com uma proposta de causar uma violência no leitor. Nesse âmbito, recorreremos mais uma vez a Judith Grossmann, que explica:

A ficcionalização torna o real, até então recoberto por si mesmo, visível. Esta visibilização do real não se esgota no visual, embora possa igualmente incluí-lo, já que a percepção o pode. Ela se define pelo fato de que é precisamente o significado atingido do objeto, a sua simbolização, que lhe devolve a sua pureza referencial, de modo que ele é cada vez mais objeto, em sua nudez absoluta de coisa, quanto mais é linguagem, significado, símbolo, ideia, coisa essencializada, já que é a possibilidade dessa conversão de coisa em significado que tal lhe garante (GROSSMANN, 1982, p. 55-56).

Tornando o real em ficcional, e por sua vez em *visível*, é que Jorge Amado nos leva para o universo de putas, marginais, crianças abandonadas, operários, pobres, mendigos, bêbados e de tantos outros grupos à margem da sociedade. Uma literatura que se quer engajada desde as suas abordagens temáticas, ao próprio projeto político literário do autor, e porque não dizer de sua condição de vida, também enquanto sujeito social. Em Jorge Amado, temos a Literatura como enervamento social, matéria viva, orgânica e pulsante.

Tristes histórias são as destes meninos abandonados no velho trapiche? Deixo que cada um responda e faça sua reflexão a partir da leitura do livro ou do filme. Mas de algo anticipo, se tristes, são necessárias à nossa formação enquanto sujeitos humanos, e se tipos como estes não fossem representados na literatura, esta teria pouca ou quase nenhuma contribuição com o humano. Afinal, os Capitães da Areia existiram e existem no cotidiano social brasileiro.

Próximo de finalizar o romance, o narrador dá indicativos do futuro social, e amplia esse panorama crítico brasileiro, para além dos meninos abandonados:

[...] Mas hoje não são os Capitães da Areia que estão metidos numa bela aventura. São os condutores de bonde, negros fortes, mulatos risonhos, espanhóis e portugueses, que vieram de terras distantes. São eles, que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade. É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. [...] (AMADO, 2001, p. 245-6).

Por fim, Álvaro Gomes ao sintetizar a obra de Jorge Amado, que aqui brevemente fiz alguns apontamentos diz:

Apesar da miséria dos meninos desamparados, da alienação de alguns deles, o romance termina positivamente, pois Jorge Amado irá concentrar em Pedro Bala toda sua crença na força do homem, em seu poder para modificar o destino, por meio da luta, por meio da ação. Assim, acaba por deixar clara a sua concepção

de romance: um tipo de narrativa que se presta a desalienar e a conscientizar o homem, não só lhe chamando a atenção para as mazelas sociais, como também indicando-lhe o caminho da redenção (GOMES, 1996, p. 56).

Enquanto isso... é de “crianças chatas”, pedintes e marginais que a Literatura nos revela e provoca, nos causa essa boa violência, a fim de acordarmos e repararmos num mundo não tão distante. Eis o despertar da consciência. Ficcional?

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Record, 2001.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Outro sobre azul, 2004.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Roteiro de leitura: Capitães da Areia*. São Paulo: Ática, 1996.
- GROSSMANN, Judith. *Temas de teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1982.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. São Paulo: Rocco, 1999.
- LUKÁCS, György. *Ensaio sobre literatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

Douglas de Sousa

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB, atualmente é Pos-doutorando pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Email: dou.rsousa@gmail.com